



**Between the musealized memories and the elderly people's memories of "Pão de Santo Antônio": thoughts on the elder people's memories in a decolonial perspective**

**Entre as memórias musealizadas e as memórias dos idosos do Pão de Santo Antônio: reflexões sobre a memória dos idosos numa perspectiva decolonial**

**Entre las memorias musealizadas y las memorias de los ancianos de Pão de Santo Antônio: reflexiones acerca de la memoria de los ancianos en una perspectiva decolonial**

Guilherme Henrique da Silva <sup>1</sup>, Marizete Lucini <sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

**Autor correspondente:**

Guilherme Henrique da Silva

E-mail: guilherme.henrique@msn.com

**Como citar:** Silva, G. H., & Lucini, M. (2022). Between the musealized memories and the elderly people's memories of "Pão de Santo Antônio": thoughts on the elder people's memories in a decolonial perspective. *Journal of Research and Knowledge Spreading*, 3(1), e13627. <http://dx.doi.org/10.20952/jrks3113627>

**ABSTRACT**

This article's main goal is to present thoughts about a research the elderly people's memories who lives in asylums in a phenomenological-hermeneutic approach. Therefore, we place the context in which the elderly people living in asylums, In this case, Pão de Santo Antônio asylum, Along with the Santo Antônio Typography Museum and the Voz de Diamantina Newspaper, Shapes the "Pão de Santo Antônio" Association complex, formerly called "Recolhimento dos Pobres de Pão de Santo Antônio", in Diamantina, Minas Gerais, showing its invisibility through the production of institutionalized memories. We also propose a listening/interpretation of these subjects' narratives as a possibility of knowing other stories that break with the colonized perspective which contributes to the silencing of other's histories, through a phenomenological approach. Finally, It is highlighted the potential for further inquiries that enable the emergence of other human stories opposed to the institutionalized memory.

**Keywords:** Decolonial. History. Elderly Person. Memory.

**RESUMO**

O presente artigo objetiva apresentar reflexões sobre a pesquisa com memória de idosos asilados numa abordagem fenomenológica-hermenêutica. Para tanto, situamos o contexto em que vivem os idosos asilados, qual seja, o asilo do Pão de Santo Antônio que, juntamente com o Museu Tipografia Santo Antônio e o Jornal Voz de Diamantina, compõe o complexo Associação

Pão de Santo Antônio, anteriormente denominada “Recolhimento dos Pobres de Pão de Santo Antônio”, em Diamantina, Minas Gerais, evidenciando sua invisibilização através da produção de memórias institucionalizadas. Propomos também uma escuta/interpretação de narrativas destes sujeitos como possibilidade de conhecer outras histórias que rompem com a perspectiva colonizadora que contribui para o silenciamento de outras histórias, através de uma abordagem fenomenológica. Ao finalizar a reflexão, é evidenciado a potencialidade de investigações que possibilitem a emergência de outras histórias humanas que se contraponham a memória institucionalizada.

**Palavras-chave:** Decolonial. História. Idosos. Memória.

## RESUMEN

---

Este artículo tiene como objetivo presentar reflexiones sobre la investigación con la memoria de ancianos en asilos en un enfoque fenomenológico-hermenéutico. Para ello, ubicamos el contexto en el que viven los ancianos que viven en asilos, es decir, el asilo Pão de Santo Antônio que, junto con el Museo Tipográfico Santo Antônio y el Jornal Voz de Diamantina, conforma el complejo Associação Pão de Santo Antônio, antes llamado “Recolhimento dos Pobres de Pão de Santo Antônio”, en Diamantina, Minas Gerais, mostrando su invisibilidad a través de la producción de memorias institucionalizadas. Proponemos también una escucha/interpretación de las narrativas de estos sujetos como posibilidad de conocer otros relatos que rompan con la perspectiva colonizadora que contribuye al silenciamiento de otros relatos, a través de un abordaje fenomenológico. Al final de la reflexión, se destaca el potencial de investigaciones que permitan el surgimiento de otras historias humanas que se oponen a la memoria institucionalizada.

**Palabras clave:** Decolonial. Historia. Mayores. Memoria.

## ASSOCIAÇÃO PÃO DE SANTO ANTÔNIO CONTEXTO HISTÓRICO-SOCIAL- INTRODUÇÃO

---

A Associação Pão de Santo Antônio, em atividade na cidade de Diamantina-MG desde 1901, é uma instituição beneficente que tem por desígnio de acordo com o art. 2º do Estatuto da Associação (de 14 de julho de 1901) “[...] praticar a caridade através da assistência social por meio do acolhimento de pessoas idosas e carentes, de ambos os sexos, com idade a partir de 60 anos, em regime de internamento permanente [...]”. Atualmente, a associação é composta pelo Asilo Pão de Santo Antônio, Jornal Voz de Diamantina<sup>1</sup>, Museu Tipografia Santo Antônio e a Hospedaria Santo Antônio. Em seu conjunto arquitetônico estão presentes o museu, capela, praça, jardins, asilo e a hospedaria. Tal espaço é entendido aqui como um lugar de memória patrimonial que proporcionou problematizar as relações entre memória e os sujeitos.

Dentre os lugares de memória da cidade de Diamantina-MG, o Museu Tipografia Santo Antônio, criado em 2015, conta com uma exposição de objetos de uma tipografia que existiu no mesmo local e um acervo documental. O nome adotado pelo museu é uma homenagem ao santo padroeiro da cidade. Santo Antônio é conhecido por proteger os pobres e por não deixar faltar alimentos. Há religiosidade ligada ao catolicismo, muito presente na história da associação.

O acervo do museu (maquinário e os documentos) passaram por restauração e ações de preservação com o Projeto Memória do Pão de Santo Antônio, coordenado por uma equipe de professores e técnicos da Universidade Federal de Minas Gerais e com o patrocínio da Petrobras resultou no Museu hoje dedicado à memória da imprensa diamantinense, mineira e brasileira.

A coleção do Jornal Voz de Diamantina reúne as atividades jornalísticas, tipográficas e editoriais realizadas entre 1906 a 1990, com mais de quatro mil exemplares, devidamente

---

<sup>1</sup> O jornal Pão de Santo Antônio passa a ser chamado de Voz de Diamantina em 1940.

acondicionados e disponíveis aos usuários, tanto em sua versão impressa quanto digitalizada no local e na Biblioteca Virtual da UFMG.

A instituição asilar, a qual se conhece hoje, nasceu em 19 de outubro de 1902. Sendo identificada como humilde casa e denominada Vila dos Idosos (Cidade dos Pobres) pertencente a já então Associação do Pão de Santo Antônio. Nos primeiros momentos da sua abertura, abrigou alguns ex-escravos que se encontravam em situação de vulnerabilidade, estavam abandonados nas ruas do antigo Arraial do Tijuco.

Com o passar do tempo a associação passou a ganhar visibilidade diante dos olhos da elite local que integrava a Pia União do Pão de Santo Antônio, irmandade religiosa formada por pessoas do sexo masculino, 1901. Entre 1902 e 1905 a Vila dos Idosos recebe o nome de Recolhimento dos Pobres do Pão de Santo Antônio, devido à doação de uma imagem de Santo Antônio. Atualmente, o asilo abriga 42 idosos e está próximo de completar 120 anos de existência. Em 2019 foi inaugurada a Hospedaria Santo Antônio com objeto de arrecadar fundos para a manutenção do Asilo.

Este conjunto arquitetônico constituído de forma horizontal, permite a visualização de forma ampla do Museu, da Igreja, do Asilo e da Hospedaria dispostos nesta sequência. Entre a memória escolhida para ser contada no museu e a dos idosos do asilo, está um espaço usado para o sagrado, que está entre as memórias vivas dos idosos abrigados no asilo e aquelas dos objetos já tratados no museu. No asilo encontram-se as pessoas que, numa visão estereotipada da velhice, são consideradas sem funções sociais, mas que carregam diferentes memórias que podem remontar a memória coletiva.

Considerando a tensão entre memória e patrimônio, questionamos os motivos da ausência de processos de registros das narrativas dos idosos frente a materialização do que é atrelado, ligado ao mundo do capitalismo. Tornando-se necessário investigar as relações entre a memória da tipografia, que foi materializada no museu através de objetos e a memória viva dos sujeitos abrigados no Asilo do Pão de Santo Antônio.

O trabalho a partir das memórias traz questionamentos ao nos depararmos com uma instituição asilar no mesmo território que um museu e, ambas fazendo parte da mesma instituição, que é a Associação Pão de Santo Antônio. Considerando a existência do asilo cabe interrogar qual a sua função frente à cidade ao longo da história dessa instituição? Há relações entre o museu recém-criado e o asilo? Qual seria a natureza destas relações? É possível identificar alguma dinâmica estabelecida entre as duas instituições? O asilo promove meios de interação entre os idosos e o museu? Importa indicar ao leitor, que não é objetivo deste trabalho responder tais questões, mas problematizar a invisibilização dos sujeitos asilados.

A partir dessas perguntas geradas e por meio da literatura, podemos definir alguns conceitos e termos para indicar possíveis caminhos investigativos desse estudo. Assim, velhice; asilo; museu; memória; instituições de memórias; sensibilidade; idosos, são âmbitos importantes para a compreensão do campo de estudo, bem como para encontrarmos possíveis respostas às perguntas âncoras e adjacentes que emergem ao longo da problemática.

Nesse sentido, a investigação recai sobre as memórias dos idosos asilados no Pão, pois será por meio delas que poderemos compreender e interpretar narrativas que estão submersas na instituição. É a partir das reminiscências que podemos questionar as rotulações criadas em torno da velhice, dos cabelos brancos e rostos envelhecidos e que tem muito a dizer, a sorrir e a praticar.

Como as memórias dos idosos asilados se relacionam com as memórias materializadas no Museu Tipografia Pão de Santo Antônio? Reflexões e provocações como essas expostas até aqui, é que delimitam os caminhos investigativos e metodológicos na busca de estabelecer possíveis relações entre os sujeitos e instituições aqui mencionadas.

Depreende-se a importância desse estudo para o campo educacional, como forma de localizar sujeitos e fontes que se apresentam questionadoras e possivelmente invisíveis, que vem à tona por meio de olhares sensíveis e intrigantes. Onde estão os idosos do Asilo Pão de

Santo Antônio? Essa discussão se faz necessária dentro do campo da educação, assim como em outras já identificadas aqui.

## **PENSAR A ASSOCIAÇÃO NUMA PERSPECTIVA DECOLONIAL-DISCUSSÃO**

A teoria freireana materializa uma pedagogia decolonial capaz de apontar chaves para evidenciar sonhos possíveis e conhecimentos relacionais em confronto com o pensamento colonizador. No Museu Pão de Santo Antônio torna-se possível identificar questões sobre as relações de força entre patrimônio cultural e ensino. Também permite triangular as discussões sobre os usos do acervo e da memória social (Freire, 2014).

Ouvir os idosos asilados e suas individualidades nos permite, como sujeitos individuais e como sociedade, garantir a construção de novas perspectivas dentro de um cenário histórico-social que é tomado por horizontes coloniais, característica marcante na América Latina, pois um olhar crítico proporciona aos sujeitos imersos em padrões estabelecidos pelo colonizador e que estão presentes nas relações sociais, se posicionar e tomar a realidade como uma construção pautada em elementos comparativos associados ao além-mar,

Ao propormos a reflexão sobre os confrontos possíveis ao pensamento colonizador, importa destacar que essa forma de pensar o mundo é uma constituição que perpassa todas as instâncias estruturantes da sociedade e das relações dos sujeitos entre si, com os outros e com o mundo. Portanto, trata-se de uma forma de perceber-se no mundo e de intervir, seja para reafirmar o instalado, seja para reproduzir a lógica submissa, una e homogênea que caracteriza o pensamento ocidental. Para que essa submissão/exploração seja possível, o pensamento colonizador é condição, porque produz a ideia de que somos menos civilizados e de que nossos saberes não têm valor diante dos saberes da ciência. Na construção do pensamento colonizador as formas e conteúdos são mediados por normas disciplinares, posições que moldam os corpos, recriam incessantemente a rotina e promovem um pensamento limitado e limitante. (Lucini & Santana, 2019, p. 3).

Pensando nas características desse pensamento e objetivando o movimento de perceber-se no mundo, o trabalho por meio da memória e os seus suportes permitem pensar e discutir grupos sociais diversos. Assim, os Idosos asilados que também carregam reminiscências como outros grupos distintos podem contribuir para a compreensão do passado. Trata-se de contribuições e não de disputa em relação a outros saberes, [...] na medida em que a colonialidade do poder, do ser e do saber produziu o esquecimento de ser quem se é, cancelou saberes, línguas, cosmologias e impediu essas populações de subjetivar de modo autônomo suas tradições. (Gil, 2019, p.160).

A memória dos velhos é um teste para a hipótese psicossocial acerca da construção de uma história social esclarecida, convergindo a história individual e a história no âmbito social. Por meio das ações já mencionadas, infere-se sobre a criação de narrativas ou a rememoração por meio do movimento de lembrar/esquecer de fatos que ocorreram no passado. Está presente o movimento das memórias esquecidas se fazendo presente no contexto das memórias coletivas (Bosi, 2007). Essas narrativas hoje silenciadas e isoladas já foram ativas na sociedade

[...] elas já atravessaram um determinado tipo de sociedade, com características bem marcadas e conhecidas; elas já viveram quadros de referência familiar e cultural igualmente reconhecíveis: enfim, sua memória atual pode ser desenhada sobre um pano de fundo mais definido do que a memória de uma pessoa jovem, ou mesmo adulta, que, de algum modo, ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que solicita muito mais intensamente do que a uma pessoa de idade. (Bosi, 2007, p. 23).

Ainda dentro deste tema, Paul Ricoeur disserta sobre a importância das vivências diante da dinâmica social, em sua obra *Tempo e Narrativa* (2010). Para o filósofo, a História é descrita por meio de narrativas que constituem os sujeitos históricos. A ideia de uma história a-narrativa é inaceitável.

Há a necessidade da presença de outras histórias no leque da dita história oficial, para que sujeitos não permaneçam na invisibilidade. Problematizar narrativas do passado por meio de vozes distintas ainda é tarefa árdua dado a aceitação da história oral, em vista disso, Gil (2019, p. 160) anuncia “Trata-se de compreender que a memória social não se reduz ao que está nos livros, e isso implica reconhecer os mestres e *griôs* diante das novas gerações e dos sistemas formais de ensino”.

Observa-se também, que a memória tem seus empreendimentos direcionados à demandas e interesses políticos. Assim, o empenho de compreender a relação das reminiscências dos idosos frente ao trabalho de memória presente no museu, é um movimento político que reivindica notoriedade,

Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado (muitas vezes subversiva, resgatando a periferia e os marginalizados) e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo presente e reconstróem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direto ao reconhecimento. O que aqui é colocado em primeiríssimo plano é, portanto, a relação entre *memória* e (*contra*) *poder*, memória e política. (Seixas, 2004, p. 41-24).

O trabalho com as memórias localizadas nas extremidades da sociedade proporciona o rompimento com a categorização de homogeneidade criada socialmente. Assim, possibilita uma leitura interseccional dos idosos asilados no Pão de Santo Antônio, que possibilita a investigação não apenas pela categoria de análise a partir de um dado biológico - essa utilizada pela sociedade na criação dos estigmas da velhice -, mas também pelos âmbitos cultural, social e discursivo (Machado, 2020).

Portanto, é por meio das narrativas, das biografias, da escuta que nasce a possibilidade dos sujeitos se situarem socialmente, temática essa de muita relevância para a História e para a Educação, por também tratarem de discussões necessárias tanto na educação básica, quanto no ensino superior,

No campo do ensino de história, ainda é relevante atentar para a lembrança e o esquecimento como movimentos seletivos entre passado e presente. Em outras palavras, a memória tem a ver com o lugar que ocupamos no presente e, portanto, é uma produção narrativa e discursiva do presente. (Gil, 2019, p.160).

Nesta abordagem, a Associação do Pão de Santo Antônio é considerada, em seu conjunto, um lugar de memórias sejam elas institucionalizadas ou não, e que também podem exercer o papel de reconhecimento de outras narrativas, outros viveres. Lugares de memória proporcionam a compreensão dos espaços e territórios, trazem significados, afloram cosmologias de vida de diferentes grupos sociais,

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos, mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. (Nora, 1993, p. 21).

Dessa maneira, atribuir tal significado a esses espaços requer entender com Nora, (1993, p. 27), que “[...] o lugar de memória é um lugar duplo; um lugar de excesso, fechado sobre si mesmo, fechado sobre sua identidade, e recolhido sobre seu nome, mas constantemente aberto sobre a extensão de suas significações”.

Mesmo que fechados, os lugares proporcionam a dialética entre aquilo que é visível (casario, acervos...) e aquilo do que está por vir. Entende-se que o Asilo é um lugar aberto a extensão de suas significações, por meio das reminiscências que circundam a capela e os jardins pois,

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e repentinas revitalizações. [...] A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente [...]. (Nora, 1993, p. 9).

Nesse sentido, a memória é uma maneira de dialogar, de perceber os sujeitos que tendem a desaparecer diante do patrimônio tombado. Do branco gelo e azul colonial, das palmeiras imperiais, do calçamento de pedra que rompe o tráfego e do não pertencimento ao que se chama centro histórico, dado por meio dos limites do tombamento que aludem ao colonialismo. Mesmo diante desses avanços instaurados há séculos, é possível reconhecer o que está por de trás das grades, por meio de um olhar decolonial.

Ainda nessa perspectiva, Catherine Walsh reflete sobre questões direcionadas à um posicionamento crítico frente à essa sociedade de tradição subalternizadora, que renega aqueles cuja presença não se faz no involucro eurocêntrico, patriarcal, capitalista e misógino. Esse posicionamento necessário, é construído a partir de alicerces no pensamento fronteiriço que almeja a aparição de novas perspectivas

Falar em um "posicionamento crítico fronteiriço" significa reconhecer a capacidade do movimento de entrar em/ ir para dentro do trabalho com e entre os espaços social, político e epistêmico, antes negados, e reconceitualizar esses espaços através de formas que respondam à persistente recolonialização do poder, olhando para a criação de uma civilização alternativa. (Walsh, 2019, p. 30).

Para além de instituir um posicionamento crítico, tal pensamento necessita de ações concretas e políticas de resistência para agir frente a diferença colonial. À vista disso, a interculturalidade se mostra como uma ferramenta capaz de propiciar diálogos a partir das diferenças, dado que,

[...] oferece um caminho para se pensar a partir da diferença e através da descolonização e da construção e constituição de uma sociedade radicalmente distinta. O fato de que esse pensamento não transcenda simplesmente a diferença colonial, mas que a visibilize e rearticule em novas políticas da subjetividade e de uma diferença lógica, torna-o crítico, pois modifica o presente da colonialidade do poder e do sistema-mundo moderno/colonial. (Walsh, 2019, p. 27).

Pensar o nascimento de uma sociedade com base na distinção requer ressignificar as relações dos sujeitos frente a cidade. Para este empreendimento, exige-se o reconhecimento da alteridade, e aqui destaco o papel fundamental da educação neste processo, pois

São questões que nos obrigam a trazer, para o campo da discussão e das práticas educacionais o trabalho com memórias diversas, que podem levar-nos a um contato mais direto e vivo com diversos tipos de experiências históricas e sensíveis ancoradas nos distintos espaços urbanos e protagonizadas por diferentes sujeitos. Memórias inscritas nas ruas, na arquitetura das casas, nos monumentos, dispersas e recolhidas em museus; narrativas variadas, tecidas no entrecruzamento de tempos passados presentes e futuros e que carregam a potencialidade de ampliar, para nossos alunos, a possibilidade de se

perceberem como sujeitos mais ativos, protagonistas de sua história e da história de seu tempo. (Headler, 2015, p. 230).

Headler (2015), destaca a sugestão da aprendizagem *flânerie* apontada por Siman (2012), sendo possível por meio dela

[...] compreender a cidade como um lugar de experiência histórica sensível de seus diferentes sujeitos; descobri-la através de percursos menos habituais, procurando interpretá-la por meio dos diversos subtextos que oferece a pedestres mais atentos; procurar flagrar, em fotografias tiradas nessas andanças, a presença de questões sociais e ambientais no espaço urbano, o descaso com a memórias nas construções deterioradas pelo tempo, o passo apressado das pessoas que transitam pelos lugares como um espaço de passagem apenas, sem tempo e disposição de estabelecer vínculos mais significativos com eles, e questionar o automatismo dos gestos cotidianos (Headler, 2012). (Headler, 2015, p. 230).

A respeito dessa abordagem, problematizar os espaços, vielas e becos é compreender a existência de experiências históricas em tais lugares, significa perceber a presença de sensibilidades que preenchem esse universo plural, pois, segundo Gatti Júnior (2015, p. 241) “[...] a ideia de sensibilidade tomada como abertura ao outro, como compreensão empática [...] permite desarmar possíveis preconceitos e um melhor entendimento do mundo histórico.”. A partir desse entendimento em torno da questão da sensibilidade, consideramos que as memórias dos idosos são sensíveis e capazes de propiciar o diálogo entre os distintos grupos sociais.

Num levantamento inicial de trabalhos recentes produzidos nos campos da medicina, psicologia, gerontologia e da comunicação social encontramos discussões sobre o uso do termo “velhice” marcado por uma crítica quanto a identificação de um grupo etário como associado a uma dimensão negativa e a desqualificação das experiências desses grupos. Estes trabalhos apontam para a criação de outras denominações para estes grupos etários/geracionais a partir de outros critérios que não a classificação biológica. Consideram fatores como o contexto social que caracterizam os denominados grupos de terceira idade que tendem a apagar outras possibilidades do envelhecer

A visibilidade alcançada pelas imagens positivas constituintes da terceira idade resulta na ocultação da velhice como decadência fisiológica e cognitiva, e como experiência de solidão e dependência. A exclusão desta imagem da velhice do espaço público acaba por enfraquecer a percepção da mesma como problema coletivo e, conseqüentemente, reduzir a responsabilidade social no seu acolhimento. (Silva, 2008, p. 807).

Tal levantamento suscitou indagações referentes ao termo a ser utilizado na identificação dos sujeitos asilados. Dessa maneira, ao sondar o termo utilizado pela instituição em seus canais de comunicação, encontra-se o termo Idosos, entretanto, na entrada da Associação do Pão de Santo Antônio, há uma única placa com os dizeres “Recolhimento dos Pobres do Pão de Santo Antônio”, isso chama atenção, pois, não há identificação quanto à associação de modo geral, nem do museu e nem do asilo.

Ao recorrer ao Jornal Voz de Diamantina, foi encontrado ao longo das décadas de 40, 60, 70, 80 os termos velhos, velhinhos e pobres, na edição comemorativa do ano de 2000 aparece o termo idoso. Dado a variação dos termos e a utilização do termo idoso atualmente pela instituição, o mesmo foi adotado para a identificação dos homens e mulheres do Asilo. Além disso, realizamos uma busca dos termos legais utilizado pela legislação que garante os direitos à pessoa idosa, denominada Estatuto do Idoso garantido pela Lei 10.741/2003, encontrando novamente a palavra Idoso.

Ao explorar novamente a literatura que trabalha o assunto, notamos que há diferenças em relação a concepção dos grupos, que perpassam o campo biológico- como fato natural que

é inerente à toda população-, mas essa inevitabilidade também está associada as questões sociais dos sujeitos, ao passo que moldam as formas do envelhecer. Diante disso, entendemos que não há a possibilidade em caracterizar tal grupo- idosos asilados no Pão de Santo Antônio- como grupo homogêneo, mesmo estando situados no mesmo local, em virtude, das distintas situações de chegada, da saúde e da própria dinâmica estabelecida por cada indivíduo no asilo,

Conceber a velhice como uma categoria homogênea e claramente definida acarretaria, inapelavelmente, um reducionismo atroz, que a limitaria aos seus estereótipos mais comuns e mais simplórios, que há tempos marcam o imaginário coletivo e que constituem as visões já cristalizadas acerca dessa etapa da vida. (Machado, 2020, p. 23).

É preciso compreender o aspecto contextual da velhice, como ela se mostra de forma heterogênea, considerando relações de gênero, classe, idade/geração, raça/etnia analisadas em suas interseccionalidades, pois não existe uma única velhice, mas formas plurais de vivências e experiências (SANTOS et al., 2014). Dessa forma, o desenvolvimento de ações educativas como a produção de oficinas, entre outras atividades que privilegiem a narrativa das memórias dos idosos, pode ser uma oportunidade de reflexão sobre as memórias individuais e coletivas do grupo de idosos asilados e uma maneira de se pensar e conversar sobre o que se sonha, e o que se é.

Nesse sentido, é por meio dos processos educativos pautados por cenários sociais e de memórias plurais que é possível tornar presente as histórias dos “excluídos do convívio social” localizados no Asilo, pois as ações de cuidado e investigação das memórias não é algo restrito apenas a museus e centros de registro de patrimônios, mas é algo que está presente nas memórias dos vivos. Assim, segundo Pereira (2015, p. 78) “Para a prática educativa é interessante considerar o exercício da investigação autobiográfica e do protagonismo dos sujeitos na operação histórica, em especial na interação com os objetos e signos da cultura.”

Por meio dessa práxis das memórias sensíveis, os sujeitos integram o patrimônio cultural, de forma a estarem presentes na dinâmica social. Dessa maneira, as reminiscências dos idosos podem compor o patrimônio por meio da imaterialidade, pois segundo Pereira (2015, p. 79), “[...] vem forçando à análise e consideração das práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões que as comunidades, grupos e até mesmo indivíduos promovem”.

Importa também garantir a áurea das vivências, das sensibilidades dos vividos para assegurar uma presença dialógica entre o indivíduo e o social, promovendo o movimento dialético entre as histórias de vida dos idosos e idosas asilados e a história “oficial” que já é dada socialmente. Decerto, a memória se faz diferente ou se revela diferente em cada indivíduo, o que nos permite afirmar que não há uma receita sobre como chegar ou descrever cada reminiscência. O objetivo principal estão não está na “receita”, mas nas distintas formas de conceber o mundo.

## METODOLOGIA

---

O método fenomenológico desenvolvido por Edmund Husserl no século XX, propõem perceber os fenômenos em sua essência. André Dartigues (1992, p. 52) aponta sobre o caráter compreensivo da fenomenologia, afirmando que “Compreender um comportamento é percebê-lo, por assim dizer, do interior, do ponto de vista da intenção que o anima, logo, naquilo que o torna propriamente humano e o distingue de um movimento físico”.

Um movimento que pode proporcionar que os idosos falem por si, e o registro seja feito considerando essas falas em primeira pessoa, de modo que suas narrativas os tornem menos invisíveis e acessíveis ao mundo externo e acadêmico. O pesquisador assumirá o papel de mediador diante do fenômeno, que pode ser exemplificado como o *fora da consciência* (Objeto)

e o *dentro da consciência* (o eu do pesquisador). Esta relação só será possível a partir da sensibilidade dos sentidos.

O método fenomenológico impõe a necessidade da utilização dos sentidos para a compreensão do fenômeno, a escuta e observação são fundamentais para produzir a interlocução entre o objeto e consciência, a “percepção de outrem não é a de um manequim cuja vida interior eu teria de imaginar, ela é a de uma *totalidade viva* e expressiva, de modo que, de imediato eu percebo, não os olhos, mas o olhar, não o rubor da face, mas a vergonha”. (Dartigues, 1992, p. 66). Assim, mesmo que objeto e o pesquisador estejam situados em cosmologias distintas é possível

[...] que a compreensão de outrem é feita também da distância que dele me separa [...] A *simpatia* será, pois, um modo de conhecimento que me permite *compreender* estados que não *experimen-to*, que eu talvez jamais tenha experimentado, assim como Buda compreendeu a pobreza e a miséria dos infelizes, quando ele ainda não experimentara senão prazeres e o conforto da riqueza. (Dartigues, 1992, p. 67).

Compreende-se até o momento que o fenômeno é aquilo que se mostra da relação com o mundo e como o percebemos. Segundo Moreira (2002, p. 65) “[...] o fenômeno é a percepção desse objeto que torna visível à nossa consciência”, dado que a máxima da fenomenologia é a “volta às próprias coisas”. E para interpretar tais fenômenos, é preciso que o pesquisador coloque em suspensão valores e crenças, que não duvide do mundo tal como ele é, entretanto, para a fenomenologia o que se procura é o conhecimento que se revela. Essa suspensão denominada redução fenomenológica ou *épouque* é responsável por,

[...] examinar todos os conteúdos de consciência, não para determinar se tais conteúdos são reais ou irrealis, imaginários, etc., mas sim para examiná-los como puramente dados. Mediante a suspensão, a consciência fenomenológica pode ater-se ao dado enquanto qualquer seja fornecido pela percepção, intuição, recordação, quer seja pela imaginação ou julgamento- e descrevê-lo em sua pureza. Trata-se, pois, de uma atitude radical: a da suspensão do mundo natural. (Moreira, 2002, p. 88).

Portanto, ao nos propormos a ouvir as memórias dos idosos, considerando as sensibilidades de suas vivências, entendemos que a fenomenologia nos considerar também histórias, percepções, aprendizados, contos e imaginações que são presentes nesse universo, para além das narrativas institucionalizadas e patrimonializadas como as dos Museu Tipografia Santo Antônio.

Diante do exposto, nos alinhamos nesta pesquisa a uma das cinco vertentes que sugerem como analisar os fenômenos, a fenomenologia hermenêutica, no diálogo com Martin Heidegger e Hans Georg Gadamer. Nesse sentido, entendemos que os seres humanos não são intemporais e carregam em si camadas de vivências com as quais interagem no e com o mundo. Assim, o objetivo principal localiza-se nos conteúdos e no processo de aprendizagem que o fenômeno-objeto e consciência- mostrará ao longo do percurso, entendendo que:

[...] toda compreensão é temporal, intencional e histórica. Ou seja, toda a interpretação é sempre condicionada porque está situada num horizonte temporal, num contexto histórico e relacionada com a pergunta que se faz ao objeto para que se proceda pela interpretação. De Heidegger, Gadamer tomará os elementos historicidade da compreensão, ou seja, o horizonte do ser é o tempo; a pré-compreensão, em que o conhecer é precedido de pré-compreensões acerca do objeto pelo pesquisador, pois que está situado no tempo e num horizonte histórico que lhe atribui a condição histórico-existencial; é o círculo hermenêutico. (Lucini, 2016, s/p).

Ao nos propormos ouvir as narrativas dos idosos, consideramos que eles têm uma experiência temporal a comunicar, importa que reconheçamos que o comunicado implicará na interpretação da escuta que é temporal, intencional e histórica. Portanto, há sempre que se explicitar esse lugar de quem narra e de quem ouve/interpreta, considerando que se trata de histórias humanas, experiências vividas, sentimentos e afetos que ao serem comunicados, permitam que outras histórias humanas sejam acessadas e conhecidas, submetidas a outras interpretações, em sua condição histórico-existencial. O círculo hermenêutico, portanto, possibilita, pela sua circularidade interpretativa, que a memória se atualize, pois que a significamos a partir do presente em direção a um passado, seja ele individual ou coletivo.

## CONCLUSÃO

---

Propusemos pensar nesta reflexão a possibilidade de intervenção na Associação Pão de Santo Antônio, visto que, os trabalhos desenvolvidos no espaço centralizam o Museu Tipografia Santo Antônio e não levam em consideração o asilo presente na instituição. Assim, observa-se que do âmbito da memória ocorre uma seleção de qual narrativa será considerada e qual será margeada. Diante disso, buscamos evidenciar a história da instituição asilar, bem como, problematizar a sua presença e dos sujeitos que a compõe, no sentido de propiciar caminhos investigativos que dê visibilidade as memórias silenciadas.

Tal estudo, ainda incipiente, se mostra como um campo aberto a questionarmos as marcas da colonialidade presente na cidade de Diamantina-MG, representada pelo seu patrimônio edificado, que nos faz questionar sobre as outras histórias que também compõem a cidade e reforça a necessidade de uma abordagem decolonial, que questione a memória institucionalizada a partir de outras histórias, principalmente as histórias dos sujeitos asilados que, ao serem inseridos sob uma ideia genérica de pobres, tem sua memória interdita. Ao não serem ouvidos, impõe-se uma inexistência como protagonistas de sua própria história, nega-se o seu direito a dizer de suas experiências, de suas memórias.

**AGRADECIMENTOS:** À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES).

**CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES:** Guilherme Henrique da Silva: concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Marizete Lucini; concepção e desenho, aquisição de dados, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica de conteúdo intelectual importante. Todos os autores leram e aprovaram a versão final do manuscrito.

**CONFLITOS DE INTERESSE:** Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

## REFERÊNCIAS

Associação Do Pão De Santo Antônio (Diamantina-MG). (18 ago 2016). **Estatuto social**. Recuperado de: <https://paodesantoantonio.org.br/wp-content/uploads/2020/11/ESTATUTO.pdf>.

Bosi, E. (2007). *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, Companhia das Letras.

Brasil. (2003). *Estatuto do idoso*. Recuperado de: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%2C%20BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art.a%2060%20\(sessenta\)%20anos.](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.741.htm#:~:text=LEI%20No%2010.741%2C%20DE%201%2C%20BA%20DE%20OUTUBRO%20DE%202003.&text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20Estatuto%20do%20Idoso%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs.&text=Art.a%2060%20(sessenta)%20anos.)

Dartigues, A. (1992). *O que é a Fenomenologia?* São Paulo: Moraes.

Freire, P. (2014). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra.

Gatti Júnior, D. (2015). A sensibilidade como condição para o diálogo no ensino de história. In: In: Zamboni, E.,

- Galzerani, M. C. B., & Pacievitch, C. (Org.). Memória, sensibilidades e saberes. Campinas-SP: Editora Alínea. p. 233-243.
- Gil, C. Z. D. V. (2019). Memória. In: Ferreira, M. D. M., & Oliveira, M. M. D. D. (org.). Dicionário de ensino de história. Rio de Janeiro: FGV Editora. p. 155-161.
- Hadler, M. S. D. (2015). Cidade e Ensino de História. In: Zamboni, E., Galzerani, M. C. B., & Pacievitch, C. (org.). Memória, sensibilidades e saberes. Campinas-SP: Editora Alínea. p. 225- 232.
- Lucini, M. (2016). Fenomenologia hermenêutica: uma experiência metodológica. São Cristóvão. Online.
- Lucini, M., & Santana, L. M. D. (2019). Pedagogia decolonial e educação de jovens, adultos e idosos no contexto de uma sociedade racializada. *Roteiro, 44*, 1-18.
- Machado, F. V. K. (2020). Seja jovem : sentidos sobre a velhice em cinquenta anos de Veja (1968-2017). Ouro Preto : Editora UFOP.
- Moreira, D. A. (2002). O método fenomenológico na pesquisa. São Paulo: Pioneira Thomson.
- Nora, P. (1993). Entre memória e história: A problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. *Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, 10*, 7-28.
- Pereira, J. S. (2015). Ensino de História e Patrimônio na Relação Museu-escola. In: Zamboni, E., Galzerani, M. C. B., & Pacievitch, C. (org.). Memória, sensibilidades e saberes. Campinas-SP: Editora Alínea. p. 76-89.
- Ricoeur, P. (2010). Tempo e narrativa. Tradução: Claudia Berliner. Campinas-SP: WMF Martins Fontes.
- Ricoeur, P. (2010). Tempo e narrativa. Tradução: Márcia Valéria Martinez de Aguiar. Campinas-SP: WMF Martins Fontes.
- Ricoeur, P. (2010). Tempo e narrativa. Campinas-SP: WMF Martins Fontes.
- Ricoeur, P. (2007). A memória, a história e o esquecimento. Campinas-SP: Editora da Unicamp.
- Santos, J. A., Boaventura, V. C., & Da Motta, A. B. (2014). Vivências da velhice: do significado [pessoal] às representações sociais. In: 18º Redor - Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações Gênero. 2014. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. Anais do 18º REDOR. p. 688-708.
- Seixas, J. A. D. (2004). Percursos de memória em terras de história: problemáticas atuais. In: Bresciani, S., & Naxara, M. (org.). Memória e (res) sentimento. Campinas-SP: Editora da Unicamp. p. 37-58.
- Utsch, A. (2015). Museu Tipografia Pão de Santo Antônio: patrimônio gráfico entre ação e preservação. Diamantina, MG: Associação do Pão de Santo Antônio.
- Walsh, C. (2019). Interculturalidade e decolonialidade do poder um pensamento e posicionamento "outro" a partir da diferença colonial. *Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPel)*, 5(1), 6-39.

**Recebido:** 18 de março de 2022 | **Aceito:** 5 de maio de 2022 | **Publicado:** 28 de maio de 2022



This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.